

A VIDA PORTUGUESA

Quinzenário de inqué-
rito à vida nacional.

Director—JAIME CORTESÃO

Propriedade da
RENASCENÇA PORTUGUESA

Secretário da redacção e administrador: ÁLVARO PINTO — Editor: Costa Júnior

Redacção e adm.ão, R. Sá da Bandeira, 363-2.º — Tip. Costa Carregal, tr. P. Manuel. — Assinatura, 10 n.ºs 200 réis. (Brasil—1\$000 rs. fr.)

QUESTÕES EDUCATIVAS

AS UNIVERSIDADES POPULARES

VI

A UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO E A RENASCENÇA PORTUGUESA

Pois, meus senhores, está um lindo dia de Março! A amenidade do ar, o céu translúcido, e o dilúvio de Sol que faz florir estouvadamente as boas árvores, que agora tiveram a sua festa, faz-nos pensar que habitamos alguma Ática aprazível onde fôsse repontar a primavera duma civilização de fôrça, alegria e graça!

Talvez achem um tudo nada estranho que a propósito de Universidades Populares se fale de Março e dos tempos helénicos.

Mas não. Posso jurar-vos que ha mil profundos laços entre o meu assunto e este formoso dia! Mas ainda que assim não fôsse, desde que tenho de comunicar os meus pensamentos com o próximo, julgo-me este no dever irrecusavel de saudar o juvenil Março.

Eu sou ainda do tempo em que nas mesas patriarcaes, ao começar e ao findar a refeição, toda a familia, de mãos postas, dava graças a Deus. Vam os tempos mudando. Um doce paganismo faz que as almas se volvam religiosamente para toda a Natureza.

Vejam essa festa da árvore: Não será um verdadeiro culto pagão?

Pois bem, divino Março, graças te dou ao começar do meu trabalho!

* * *

Hão-de ter notado os leitores da *Vida Portuguesa*, que a nossa Universidade Popular do Porto estabeleceu vários cursos especiaes obrigados a matricula e a uma certa frequência, dentro das salas da sede da *Renascença Portuguesa*. E' de notar que além desses cursos frequentados por um numero limitado de alunos nós temos os cursos mais propriamente livres ao quais pode assistir um numero de pessoas limitado apenas pela capa-

cidade da sala que no entanto pode comportar algumas centenas de individuos.

De princípio dissemos, num dos artigos desta série, que aqui iriamos dando conta das experiências que por meio dos nossos cursos haviamos de fazer sobre o público. Como é facil de compreender, desde que tínhamos que tratar com um público cujas tendências não podíamos conhecer completamente, era mister que procedessemos por tentativas. Foi o que fizemos com os cursos especiaes. Tínhamos que saber, antes que dessemos começo a um programa completo de trabalhos, se haveria dentre o público portuense criaturas que, tendo confiança sincera na nossa competência e boa vontade, concorressem a esses cursos durante meses seguidos com a assiduidade e esforço dedicado, que indemenizasse o nosso trabalho.

Hoje podemos afirmar afoitamente que ha no nosso meio e e designadamente entre a mocidade individuos cheios de boa curiosidade do espirito e dum belo desejo de orientar as suas energias para um alto fim.

E' a esse publico especial, confessamo-lo, que nos dirigimos neste momento.

Conhecido o resultado satisfatório dessas experiências, tinhamos que orientar os trabalhos da Universidade Popular segundo um programa que visasse os mais altos fins da *Renascença Portuguesa*.

Dar ao povo português a consciência clara do original espirito lusitano e polarizar-lhe as energias no sentido alevantado de realizar um nobre ideal colectivo eis a mais alta finalidade que ilumina os esforços daqueles que trabalham dentro da *Renascença Portuguesa*.

Em conformidade com esses intuitos elevadissimos (não o ignoramos) é que se torna necessário agora dirigir os trabalhos da nossa Universidade, pois está bem tristemente demonstrado pelos factos a necessidade dessa obra nacionalizadora e orientadora. Para esse fim vai pois a nossa Universidade inaugurar os seguintes cursos especiaes:

História Pátria;

Geografia e administração colonial;

Língua português e história da literatura português;

História da Civilização;

Estética e história da Arte;

História das Religiões;

Filosofia e história da filosofia.

Pelo ensino da história pátria e da história da literatura português nós pretendemos dar a conhecer os aspectos originaes do espirito português.

E' certo que não faremos o ensino da história, unicamente optimista, não mostraremos do nosso passado unicamente aquilo que para nós constitua motivo de orgulho mas tambem o que seja causa de vergonha. Tanto como as virtudes é necessário que conheçamos os nossos defeitos para enaltecer umas e corrigir os outros.

Servir-nos-ha a história da literatura para nos dar a mais alta expressão do pensamento português. E uma e outra dessas histórias não dé mutuamente auxiliar-se para mais completos ficarem os seus ensinamentos.

Depois, para estabelecer uma ligação fecunda entre o presente e o passado e para sabermos como completar pela colonização a obra das descobertas realisada por nossos avós ensinaremos geografia e administração colonial.

Mas, para bem conhecer o espirito luzitano, e contempla-lo em todos os sentidos, como quem olha uma estátua por todos os lados, temos de comparar a nossa história ou outro antes a história do nosso espirito com a história do espirito dos outros povos.

Faremos essa história sob tres

aspectos que, aliás, não são inteiramente distintos uns dos outros: a história da civilização descrevendo-se em tres faces: a arte, a religião e a filosofia. Notem que não dizemos história das civilizações mas sim da civilização, supondo que a Humanidade se pode encaminhar para um mesmo ideal de perfeição.

Tentaremos assim fazer a história do progresso humano. Será que os dispersos esforços de todos os povos não tendam para um fim comum e não seja possível distinguir nessa imensa obra uma progressiva realização de amor e justiça? Não o acreditamos.

Já algures o dissemos: o *nihil sub sole novum*, a declaração de que na terra já nada pode existir de novo, não passa de uma confissão de vaidade e impotência.

Uma história com o aspecto sociológico e filosófico como a quer Fouillée, eis o que nós pretendemos realizar.

Pela estética e história da Arte procuraremos realizar uma obra que entre nós tem sido assaz desprezada: educar o poder da emoção em frente de todas as manifestações do Belo, enriquecendo assim a personalidade com a largueza de âmbito e uma simpatia e vibratibilidade que são das mais altas e gosasas virtudes que o homem pode possuir.

No seu anseio de Infinito, no seu eterno desejo de se ligar à vida do Universo tem a consciência humana produzido tão sublimes criações que a história das religiões nos pode ensinar a verdade sobre o máximo de aspirações morais do homem.

E demais, para o conhecimento do espírito luzitano necessário nos é comparar as nossas criações religiosas com as dos outros povos. E por fim a história da filosofia fazendo-nos conhecer a evolução do pensamento filosófico é como diz Hoffding o melhor meio de nos entendermos sobre o que seja filosofia. E' ela que por fim dará a direcção a todas as nossas energias estabelecendo e procurando resolver dentro do nosso tempo os grandes problemas do espírito humano.

No próximo Abril havemos de começar já tres desses cursos, de modo que seguidamente os mesmos alunos os possam frequentar a todos.

Que esse Abril seja de primavera de Almas, que se inuntem assim de flores de Beleza.

JAIME CORTESÃO.

Associação do Liceu Rodrigues de Freitas

Aos pais dos alunos

Desde que se pensou em fundar uma Associação de professores e pais de alunos, eu manifestei imediatamente a minha desaprovação a tal ideia por achar que ela, a ter algum sentido educativo, não devia partir dos professores. Disse até que, não sentindo os pais essa necessidade, a associação nunca podia realizar fins verdadeiramente educativos.

Vamos ver se consigo explicar porque assim pensava e porque, depois da primeira reunião de pais e professores, eu não mudei da minha primitiva opinião.

O estudante, desde que entra para o liceu, tem de amputar a sua liberdade de filho de família, quer dizer, pelo simples facto de viver conjuntamente com todos os seus camaradas, isso leva-o a, durante o tempo que permanece no liceu, ter uma atitude diversa daquela que tem durante o tempo em que se supõe que ele vive em família. Creio que isto é admitido por todos e havemos de ver que o ideal para que se pretende tender, querendo continuar no liceu a vida de casa, é, não só utópico, mas um dos mais grosseiros preconceitos daqueles que pretendem estar livres dos ditos.

Em primeiro lugar é absurdo supor que o professor possa ter, para cada um dos estudantes, a atitude que tem o pai. Isto é tam evidente como evidente é que dois indivíduos são dois indivíduos, isto é, diferentes, tendo, portanto, cada um o seu modo de encarar o problema da vida.

Mas há mais. Ao professor aparece o discípulo, já um pouco feito pela vida em família, resultando daí que o professor, não podendo ver ainda nada de seu no discípulo, o olha indiferentemente em geral, ou com uma simpatia duma ordem muito geral que nada se parece com olhar do pai que até aí tem assistido sempre ao desenvolvimento do filho. Esta mudança rápida é multiplicada ainda pelo número de professores que no mesmo ano o estudante tem, e provoca nele imediatamente uma atitude de defesa. Só a bondade pode evitar esse primeiro golpe vibrado no optimismo que toda a criança possui. E... desde já se diga, uma associação não pode tornar os homens mais bondosos, porque todas elas tem na sua raiz o instinto de defesa.

Essa atitude de defesa é de cada vez mais arreigada no espírito do estudante, chegando a ter a forma dum aborrecimento pelo estudo—a cabulice—a que os professores respondem com o artificio dos castigos, postulando que o seu critério é o único para fazer deles o homem à imagem e semelhança daquele que, *nessa altura*, possuem e que os estudantes, só pela autoridade, chegam a fingir que admitem.

Daqui uma vida falsa entre os professores e os alunos.

Da falsidade desta vida creio que todos tem consciência.

¿A associação viria tornar esta vida mais verdadeira?

Não há duas maneiras de responder a isto. Sendo os professores os mesmos, as atitudes recíprocas não mudam facilmente. O estudante não pode pensar nunca como pensa o professor, sendo infelizmente certo que o professor não quer pensar como o estudante; porque isso o obrigava a um trabalho constante a que a lei o desobrigou desde que lhe garantiu o lugar. Daqui a naturalíssima atitude do professor:—defende-se e a maneira mais cómoda é a autoridade... o programa como ele foi capaz de o entender. E ¿quem não tem ouvido dizer que o melhor professor é o que se especializa numa cadeira, quando é certo que devia ser aquele que mais conhecimentos gerais tivesse para poder compreender aquele que começa? ¿Como pode um espírito exclusivamente científico abranger as possibilidades que se encontram naquele estudante com maiores e mais profundas necessidades de conhecimento? ¿Como é que este estudante pode desculpar a atitude que para com ele tem o professor, se não possuir uma alma de S. Francisco de Assis?

Portanto não se tenha dúvidas que a associação não pode, por si, modificar a atitude recíproca de professores e alunos.

Essa atitude só mudaria se fôsse possível escolher os professores de modo que eles ao lado duma educação intelectual suficientemente filosofada, possuíssem principalmente uma moral superior mais natural do que adquirida.

Mas... deixemo-nos andar pela terra e continuemos.

Admitido o que fica dito, vejamos então o que resultava do convívio mais íntimo entre professores e pais.

Em primeiro lugar notemos que permanecendo os professores, os pais vão mudando sucessivamente. De modo que, enquanto a acção